

**ENTRE O VISÍVEL E O INVISÍVEL: A COLONIALIDADE E O ESPAÇO  
NARRATIVO EM *O AVESSO DA PELE*, DE JEFERSON TENÓRIO**

**BETWEEN THE VISIBLE AND THE INVISIBLE: THE COLONIALITY AND  
THE NARRATIVE SPACE IN *O AVESSO DA PELE*, BY JEFERSON TENÓRIO**

Isabela Sales Cardia<sup>1</sup>

**Resumo:** As atuais obras literárias brasileiras têm sido responsáveis por exaltar vozes que foram, por muitos anos, subjugadas historicamente e socialmente. Adotando uma maior diversidade de cores e gêneros, os romances contemporâneos ganham destaque no mercado editorial. Uma das vozes expoentes deste período é Jeferson Tenório, autor do romance *O avesso da pele* (2020), que denuncia a violência estrutural contra a população negra no país. A obra, que chegou a ser censurada em escolas no sul e centro-oeste por motivos injustificados, recupera a história de Henrique, professor de literatura que foi assassinado em uma abordagem policial inadequada. A narrativa é construída a partir do relato de Pedro, filho de Henrique, que compartilha detalhes íntimos da infância, adolescência e vida adulta do falecido pai, a fim de que essas lembranças auxiliem-no a lidar com seu luto. A partir da descrição dos sentimentos de Henrique, exibe-se o desconforto do personagem, sujeito negro e morador de uma região periférica de Porto Alegre, que ao adentrar zonas centrais da cidade, sente-se rejeitado e é constantemente repreendido pelas autoridades apenas por circular em tal local. Desse modo, o objetivo do presente trabalho é investigar como retrata-se a dicotomia centro/periferia no romance *O avesso da pele* (2020). Partindo de uma perspectiva pós-colonial e tendo como subsídios os trabalhos de Fanon (2008), Gonzalez (2012), Kilomba (2019) e Quijano (2009), pretende-se analisar como a representação de comportamentos e ações das personagens em diferentes ambientes narrativos é capaz de evidenciar a violência contra as pessoas negras na sociedade brasileira.

**Palavras-chave:** pós-colonial; colonialidade; literatura brasileira contemporânea; autoria negra; espaço narrativo.

**Resumo:** The current Brazilian literary works have been responsible for exalt the voices that were historically and socially subdued for years. By the adoption of a bigger diversity of colors and genders, the contemporary romances gain prominence at the editorial market. One of the exponents authorships is Jeferson Tenório, writer of *O avesso da pele* (2020), a romance that reports the structural violence against the black community in Brazil. The book was briefly censured in schools in the south and the mid-west of the country for unjustified reasons. The narrative retrieves Henrique's story, a literature teacher murdered during an inappropriate police approach. Passing by a mourning period, his son Peter shares with the reader the details of his life, with intimate memories of Henrique's childhood, adolescence and adult life. Through the description of his dad's feelings, it's shown the discomfort of the character: a black man that lives in a peripheral region in Porto Alegre and his feeling of rejection due the frequent repressions made by the authorities just for walking the central zones of the city. Therefore, the objective of

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), câmpus de Araraquara. Atualmente, é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PPGELi) pela mesma instituição, desenvolvendo pesquisas sobre aspectos da colonialidade na literatura brasileira contemporânea, com financiamento pela FAPESP, a quem a autora agradece. Este artigo foi produzido para uma disciplina do Mestrado, intitulada "Aspectos da Narrativa". PPGELi – UNESP/FCLAr

the present work is to investigate how the dichotomy center/periphery is presented in *O avesso da pele* (2020). From a post-colonial perspective and studies from researchers as Fanon (2008), Gonzales (2012), Kiloma (2019) e Quijano (2009), it intends to analyse how the representation of the characters actions and behaviors in different narrative spaces is capable of emphasize the violence against the black people in the Brazilian society.

**Keywords:** post-colonial; coloniality; contemporary Brazilian literature; black authorship; narrative space.

**Submetido em 31 de janeiro de 2026.**

**Aprovado em 21 de julho 2026.**

## **Introdução**

Publicado em 2020, o romance *O avesso da pele*, do autor gaúcho Jeferson Tenório, aborda questões político-sociais vigentes no Brasil. Na obra, o narrador-personagem Pedro compartilha a história da vida de Henrique, seu pai: um homem preto com cerca de 50 anos, morador do Rio Grande do Sul, que leciona literatura nas escolas da periferia de Porto Alegre. Uma noite, ao sair do trabalho, o professor é abordado sem justificativas por um policial, que reage de maneira violenta e lhe desfere três tiros, assassinando-o no local.

Assim como no romance, dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) em parceria com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) indicam que, no ano de 2023, o Brasil registrou a execução de uma pessoa negra a cada 12 minutos, assim como o fato de possuírem 2,7 mais chances de serem vítimas de homicídios do que os sujeitos brancos. Nesse paralelo entre realidade e ficção, a denúncia por meio da literatura de Tenório se mostra essencial, pois além de desenvolver um pensamento crítico sobre a organização e os valores da sociedade em que estão seus leitores, também evidencia a falta de justiça e a isenção de penalizações em casos similares a esse.

Devido tal característica expositiva, o romance sofreu uma tentativa de censura sem argumentos plausíveis, feita por governadores de alguns estados do Brasil em 2024, que condenavam-na como inadequada. A obra, vencedora do Prêmio Jabuti de “Melhor Romance Literário” em 2021, teve diversas unidades recolhidas de escolas, e a voz do autor foi veementemente silenciada por órgãos estatais. Ainda que as denúncias feitas por órgãos literários e pelo público leitor tenham auxiliado na desistência do processo de censura e no retorno dos livros aos ambientes educacionais, o caso serviu para

exemplificar os impactos do racismo estrutural até os dias atuais, refletindo o que Tenório procura explicitar em seus romances.

Desse modo, em *O avesso da pele* (2020), o escritor busca fornecer uma perspectiva àqueles que têm suas vidas transformadas pelas violências raciais diárias. Enfrentando um momento de sensibilidade, Pedro compartilha desde a infância até a vida adulta de seu recém-falecido pai, fazendo reflexões sobre seus relacionamentos, suas dificuldades de adentrar o mercado de trabalho e seus anseios pessoais. Em uma tentativa de se conformar perante tal período de luto, o narrador estabelece um diálogo com Henrique ao utilizar, em sua narração, o pronome dêitico “você”, como visto no excerto “Hoje, prefiro pensar que **você** partiu para regressar a mim” (Tenório, 2020, p. 18 - grifo próprio). Com tal fator, estabelece uma interlocução entre enunciador e enunciatário, e convida o leitor para adentrar o íntimo do romance, negando o poder àqueles que mataram seu pai e evitando o apagamento de sua jornada com a enunciação de suas vivências. Paralelamente, envida esforços para entender-se como um sujeito negro, e como deve se portar estando inserido em uma sociedade que persiste em negligenciar quaisquer oportunidades aos que resistem, eliminando suas vidas, mas também suas identidades, suas culturas e suas ancestralidades.

Logo, partindo de uma perspectiva pós-colonialista, o artigo pretende analisar os lugares habitados pelas personagens que constituem o romance *O avesso da pele* (2020) e como eles são atravessados pela presença da Colonialidade (Quijano, 2009). Ainda, visa-se evidenciar como a ambientação corrobora para as características da personalidade de Henrique que, mesmo estando falecido no momento em que a narrativa está sendo enunciada, mantém-se vividamente presente durante a obra a partir dos relatos do narrador-personagem Pedro.

Para isso, adota-se uma abordagem qualitativa e interpretativa de caráter bibliográfico, aliada à leitura atenta e crítica da obra, a fim de que a narrativa de Tenório seja integralmente compreendida. Utilizando-se de subsídios decoloniais e relativos ao estudo de narrativas contemporâneas, constrói-se uma análise temática e contextual dos excertos em que as personagens interagem com as estruturas sociais, institucionais e espaciais, capazes de colocar em evidência a presença dos legados coloniais no Brasil contemporâneo. Assim, mapeiam-se as ações, as enunciações e os deslocamentos de

personagens no romance, para que seja comprovado a permanência da Colonialidade do Poder na hodiernidade e no espaço da narrativa.

### **1. A Colonialidade: suas origens e suas consequências**

No final do século XX, a maioria dos países anteriormente submetidos ao domínio colonial já havia conquistado sua independência política. Entretanto, o fim desse período é majoritariamente formal, uma vez que as estruturas de poder e os sistemas de dominação ainda encontram-se intrínsecos e operam no modo como a sociedade se organiza na modernidade. Isto é, os valores coloniais não foram subvertidos, apenas mascarados e transmutados para integrarem o funcionamento de uma nova realidade mundial. Neste contexto, o homem branco, europeu, heterossexual, patriacal e cristão impôs novas formas de governo e mercado, na qual se inseria no centro da normatividade e no topo do sistema hierárquico, conquistando uma posição de supremacia política, econômica, militar, cultural e linguística.

Conforme discutido por Aníbal Quijano no Grupo Modernidade/Colonialidade (M/C) no final dos anos 1990, a reestruturação da sociedade na modernidade é sinônimo de uma ressignificação das estruturas de dominação colonial. Desse modo, a fim de manterem sua hegemonia, os países europeus desenvolveram a Colonialidade do Poder (Quijano, 2009), um sistema de dominação capaz de controlar os povos que tiveram sua independência recém-adquirida. Assim, adotaram um enquadramento, nomeado racialização (Quijano, 2009), responsável por segregar indivíduos a partir da hierarquização de suas diferenças fenotípicas, baseando-se na forma do cabelo, na cor do olho, no formato do nariz e, principalmente, na tonalidade da pele.

A partir disso, aqueles considerados mais visivelmente similares aos habitantes da Europa se classificam como referentes ideais e/ou superiores, enquanto a outra grande parte da população é caracterizada como os “dominados/inferiores ‘não-europeus’” (Quijano, 2009, p. 108). A partir desta categorização que mantém o homem branco em posições de soberania, os colonizadores obtém o controle das vivências dos povos anteriormente/hodiernamente colonizados, assim como suas expressões individuais: as identidades de gênero, suas sexualidades, os lugares possíveis de serem ocupados, o acesso ao conhecimento, as oportunidades laborais, etc. Trata-se, portanto, de uma forma de dominação que ultrapassa o campo econômico e político, e incide diretamente sobre

suas subjetividades e pessoalidades. Dessa forma, tudo o que se encontra além da Europa, na “Não-Europa” (Quijano, 2009), passa a ser sistematicamente denominado pelos povos colonizadores de bárbaro e primitivo.

Essa rotulação influenciou na perpetuação de uma crença mundial relativa à uma incapacidade dos indivíduos, agora marcados fenotipicamente, de desenvolverem seus próprios conhecimentos e de viverem independentemente. Além disso, tal demarcação também se responsabiliza por propagar uma desvalorização, ou até mesmo um apagamento, das culturas e dos saberes além Europa (africanos, indígenas e latino-americanos). Para Boaventura de Sousa Santos, essa bipartição populacional é reflexo direto do pensamento ocidental, que se torna um agente responsável pela instalação de fronteiras visíveis e invisíveis, que partem nações de maneira dicotômica. Essa cisão, segundo ele, se dá por meio das denominadas linhas abissais (Santos, 2009), fronteiras epistemológicas, sociais e políticas, capazes de reproduzir a divisão do mundo entre o “deste lado da linha” (Santos, 2009, p. 23), um lugar repleto de ciência, direitos e poderes; e o “do outro lado da linha” (Santos, 2009, p. 23), um ambiente marcado pela violência, pela supressão de direitos e pela submissão. Fanon também nota a existência de tais fronteiras que não se limitam ao espaço geográfico, denominando-as de zonas do ser, onde circundam os que se consideram puros e superiores, e zonas do não-ser, caracterizada como “uma região extraordinariamente estéril e árida” (Fanon, 1967, p. 26), ocupada majoritariamente pelo sujeito negro.

Com efeito, a colonialidade rege os modos de viver e pensar do homem moderno, e se instaura tão profundamente nas estruturas sociais, que os indivíduos detentores de poder sempre moverão esforços para manter sua proeminência. Ainda que os habitantes da Não-Europa se recusem a adotar os valores impostos por essa hegemonia eurocêntrica – a partir da reivindicação de seus legítimos modos de ser e estar no mundo – os sujeitos colonizadores deslocam a dominação do grau ideológico para o nível corpóreo, e passam a exercer violências máximas (assassinatos e outras violações físicas), a fim de destruir quaisquer obstáculos que impeçam seu poderio pleno. Por conseguinte, estas atitudes acarretam a naturalização de perseguições agressivas e opressoras a sujeitos que passam a ser nomeados como “‘imaturos’, das raças ‘escravizáveis’, do sexo ‘frágil’.” (Dussel, 2000, p.49 apud Ballestrin, 2013, p.102). Consoante com as ideias da Colonialidade do Poder, evidencia-se a capacidade do homem dominador de legitimar práticas de exclusão,

exploração e animalização contra o indivíduo colonizado, que evoca “a criação e ao mesmo tempo a negação do outro lado da linha” (Sousa, 2009, p. 31). Ou seja, há a latente existência de uma cadeia hierárquica, na qual o outro é sistematicamente inferiorizado e apagado como sujeito legítimo, simultânea à negação dos colonizadores de suas acentuadas tentativas de exploração.

Em vista disso, os países do continente africano e os latino-americanos foram os que mais experienciaram os regimes exploratórios. Com a chegada dos europeus no Brasil, houve a instauração no território dos ideais coloniais de hegemonia e racialização, e os povos autóctones foram violentados, assassinados e abusados. Os indígenas e os sujeitos negros, advindos majoritariamente da África, enfrentaram os processos de escravização e exploração profundamente por quase quatro séculos: além de perderem a liberdade sobre seus próprios corpos ao serem diariamente violentados, também foram proibidos de exercerem suas práticas culturais, de enunciarem suas línguas e dialetos e de expressarem suas crenças religiosas. Os dominadores, neste caso os portugueses, doutrinaram esses indivíduos com suas crenças e costumes do norte, visando uma alienação do sujeito que o faça acreditar que o sujeito branco é seu herói, para assim “rejeitar os inimigos, que aparecem como negros” (Kilomba, 2019, p.39).

Mesmo com a assinatura da Lei Áurea em 1888 e a proibição legislativa do tráfico de escravizados (Pinski, 1991), os povos negros e indígenas continuaram a ser racializados, e foram impedidos de desenvolverem-se como cidadãos livres. Isto é, continuaram inseridos em trabalhos exaustivos e exploratórios, obtendo um baixíssimo retorno financeiro e um acesso dificultado a meios educacionais, que mesmo de viés colonial, permitiriam seus enquadramentos em outras áreas profissionais. Logo, estes dois fatores justapostos os impedia de adotar um novo modo de vida desatrelado das estruturas coloniais.

Assim, ainda que a abolição tenha sido formalmente conquistada, a Colonialidade do Poder no território brasileiro seguiu operando por meio da consolidação do sistema capitalista ocidental, que preserva as estruturas de privilégios coloniais. O desenvolvimento industrial, aliado às lideranças exportadoras, concentrou-se em regiões vistas como promissoras a crescerem política e economicamente, especialmente a Sudeste. Com esse processo, aprofundou-se uma lógica de centralização apoiada em valores hegemônicos, marginalizando os espaços habitados por povos historicamente

colonizados, que permaneceram distantes das modernizações em áreas periféricas ou rurais. Para Lélia Gonzalez, essa dinâmica resulta na divisão racial do espaço no Brasil, caracterizada por “uma espécie de segregação, com acentuada polarização, extremamente desvantajosa para a população negra” (Gonzalez, 2020, p. 94).

O lugar natural do branco dominante são moradias saudáveis, situadas nos mais belos recantos da cidade ou do campo e devidamente protegidas por diferentes formas de policiamento que vão desde os feitores, capitães de mato, capangas etc. até a polícia formalmente constituída. Desde a casa grande e do sobrado até os belos edifícios e residências atuais, o critério tem sido o mesmo. Já o lugar natural do negro é o oposto, evidentemente: da senzala às favelas, cortiços, invasões, alagados e conjuntos “habitacionais” [...] (Gonzalez, 2020, p. 85)

Logo, evidencia-se no contexto brasileiro a presença das linhas abissais e as zonas do ser e do não-ser, discutidas por Santos (2009) e Fanon (1967), respectivamente. Divididos de maneira dicotômica entre centro e periferia, a população branca permanece em regiões mais desenvolvidas e melhor assistidas pelo Estado, enquanto os povos negros e autóctones são confinados às áreas mais distantes dos centros das cidades. Com um crescimento exponencial nesses bairros, comunidades e favelas, há uma sobrecarga populacional, que reflete em problemas habitacionais frequentes: a insuficiência de atendimento de serviços públicos, problemas de saneamento básico e a falta de transporte público que acessem esses locais. Justaposto à isso, assim como o sujeito colonizado era coisificado e exterminado no passado, os habitantes de regiões periféricas são obrigados a conviver em um ambiente hostil que pretende os aniquilar. Perpassados pelo preconceito e tratados como ameaças constantes à ordem social, o indivíduo periférico sofre com um regime necropolítico (Mbembe, 2003), em que os detentores de poder agem de maneira benéfica àqueles que, para eles, devem permanecer vivos (os que ocupam os centros), e negligenciam as vivências e os direitos dos habitantes das margens, que têm suas vidas ceifadas cotidianamente.

Desse modo, as estruturas coloniais na contemporaneidade configuram-se a partir do abandono institucional e da violência estrutural, que reforçam a existência das fronteiras invisíveis, responsáveis por dificultar o acesso desses sujeitos subordinados aos seus direitos como cidadãos. A submissão psicológica e física através do medo evidencia a lógica do extermínio seletivo como ferramenta de controle, que aliada ao discurso dominante, insere uma comunidade em generalizações preconceituosas, racistas e

limitantes. Portanto, a dicotomia centro/periferia traduz a distinção das vidas descartáveis daqueles hodiernamente colonizados e desumanizados, e as vidas protegidas daqueles que permeiam os centros e as grandes cidades, regidas por condutas morais e pela justiça.

## **2. Centro vs. Periferia: representações na literatura**

Visto estas concepções e as frequentes mudanças econômicas e sociais globais, o ser humano contemporâneo, a fim de compreendê-las, passou a representá-las em suas produções artísticas e culturais. Ainda que os sujeitos racializados encontrem-se majoritariamente marginalizados, o desenvolvimento tecnológico e o avanço das mídias digitais no mundo pós-globalização faz com que seus debates sejam mais disseminados, e, conseqüentemente, obtenham mais visibilidade a partir dos anos 2000. Na literatura, escritores que “até recentemente estavam afastados do universo literário” (Resende, 2008, p. 17) alcançaram maior difusão de suas vozes, e produções de autoria negra, indígena, de regiões periféricas, e de outras regiões que não a Sudeste, começaram a destacar-se. Logo, lugares de fala negligenciados ganharam espaço, e como resultado, novos contextos e realidades foram introduzidos nas temáticas contemporâneas.

Dessa maneira, na literatura brasileira, há uma constância de autores que produzem seus escritos apoiados em um pensamento pós-colonial, ou seja, construindo narrativas que representam e tornam visíveis suas marginalizações e, simultaneamente, denunciam os privilégios inerentes aos colonizadores. A partir da exposição de suas vivências – pessoais e coletivas – e a exaltação de suas identidades culturais, buscam o rompimento dos estereótipos que os inferiorizam, ditados e reproduzidos pelos anteriormente conquistadores. Escolhendo abordagens que explicitem os seus sentimentos de solidão e abandono, assim como temáticas constituídas de violência, desigualdade e injustiça, os escritores utilizam-se das grandes cidades como cenário representativo, pois é nela que se concentram a maior quantidade de pessoas, e também onde se notam os maiores índices de adversidades. Este ambiente, “em que convivem massas de pessoas que não se conhecem, não se reconhecem ou mesmo se hostilizam” (Dalcastagnè, 2012, p. 110) engloba variadas realidades, que possuem em comum o modo de vida permeado pelos ideais capitalistas: a concentração de renda nas pessoas de classes altas, as heterogêneas condições de vida oferecidas à diferentes camadas, a idealização e a busca desenfreada pelo consumo, a naturalização da violência e da morte em espaços



marginalizados. Desse modo, essas tensões evidenciam a herança colonial que retém os habitantes das periferias em uma rotina desconfortável e desprivilegiada, reprimindo-os às margens e afastando-os dos polos econômicos urbanos. Com efeito, o reflexo das fronteiras abissais e da Colonialidade do Poder ainda enquadra os indivíduos em uma sociedade hierarquizada, na qual “não há espaço, [...] que não seja hierarquizado e que não exprima as hierarquias e as distâncias sociais” (Bourdieu, 1993, p. 163 apud Dalcastagnè, 2012, p. 127).

Nota-se, então, o espaço como um elemento representativo do mundo social contemporâneo, que cerca tanto autores como leitores. Ao inserir-se nas narrativas, essa construção espacial transcende os níveis geográficos, configurando-se como fator constitutivo e simbólico de “tudo que, intencionalmente disposto, enquadra a personagem e que, inventariado, pode ser absorvido como acrescentado [por ela]” (Lins, 1976, p. 72). Assim, os lugares retratados deixam de atuar apenas como panos de fundo, e tornam-se instâncias vivas e estruturantes das histórias literárias. Logo, a recorrente retratação dos espaços urbanos exhibe as desigualdades socioeconômicas, que atravessada pelas discussões pós-coloniais de centro/periferia, adquire uma função de “agente determinante da significação da narrativa como um todo” (Santos, 1999, p. 132). Nesse sentido, a cidade torna-se, também, uma personagem, capaz de delimitar possibilidades e tensionar identidades, inscrevendo, na narrativa, a denúncia e as consequências das disparidades históricas.

### 3. Os espaços em *O avesso da pele* sob um olhar pós-colonial

Partindo destes pressupostos, no romance *O avesso da pele* (2020), de Jeferson Tenório, o desenvolvimento da narrativa na capital do estado do Rio Grande do Sul reflete o interesse contemporâneo acerca da retratação das vivências humanas nas grandes cidades, e mais especificamente, aquelas dos sujeitos negros. A obra, dividida em quatro partes diferentes – “A pele”, “O avesso”, “De volta a São Petersburgo” e “A barca” – tem presente em todos os capítulos as consequências do racismo estrutural na vida das personagens do romance, especialmente na de Henrique: aos 14 anos, foi espancado, algemado e levado à delegacia por ser confundido com um ladrão; aos 19 anos, em uma entrevista de emprego, ouviu de seu futuro chefe que ele não gostava de pessoas negras.

Em um dos capítulos, o narrador Pedro compartilha com o leitor oito abordagens policiais que seu pai sofreu durante a vida, sendo a primeira delas quando possuía apenas 13 anos. Na situação em questão, Henrique morava na Vila Bom Jesus, bairro periférico da zona leste de Porto Alegre. O personagem e seis de seus amigos costumavam jogar bola no bairro Três Figueiras, descrito pelo próprio narrador como uma zona nobre ao norte da capital. Em certa ocasião, uma viatura da polícia estacionou ao lado do campo de futebol, e um agente saiu do carro vociferando aos meninos que parassem o jogo e se sentassem no chão, colocando a mão em sua arma para enfatizar suas intenções. Após questionarem os adolescentes sobre onde eles moravam, por qual motivo eles iam até o local e se ingeriam algum tipo de substância ilícita, os ameaçam proferindo: “a gente tá de olho em vocês, aqui nesse bairro é lugar de gente direita” (Tenório, 2020, p. 144). Uma situação similar ocorre em uma outra abordagem, quando Henrique, já um pouco mais velho, conhece Edmundo, seu colega que o convida até sua casa. O jovem, então, caminha mais de uma hora para chegar ao apartamento de seu amigo, morador do bairro Bom Fim, outro bairro nobre localizado na área central de Porto Alegre. Ao chegar ao endereço e não ser atendido por ninguém, decide esperar, porém o narrador evidencia que ele não deixa de sentir pessoas encarando-o. Logo, um policial se aproxima e impõe a necessidade de Henrique “circular que ali não era lugar para pedir coisas” (Tenório, 2020, p. 145).

Mesmo que não construa uma descrição detalhada de tais bairros, Tenório compartilha com o leitor as informações necessárias para que se explicita a divergência social. Como por exemplo, ao informar o tempo que Henrique levou para chegar ao prédio de seu colega, é possível perceber seu afastamento do centro de Porto Alegre e a dificuldade que tem para acessá-lo, reafirmando sua condição de distanciamento periférico. Esses dois momentos também evidenciam o pensamento colonial racializado presente na sociedade, que ao ver pessoas pretas em bairros mais ricos, imediatamente assumem que elas não são pertencentes a esses ambientes. Em ambas interações, torna-se aparente a descrença dos agentes policiais acerca de seus motivos de estarem circulando por tais áreas, subjugando-os aos estereótipos restritivos de viciados em entorpecentes ou meros pedintes. Com isso, o autor de *O avesso da pele* (2020) evidencia as ramificações da Colonialidade do Poder e as fronteiras entre centro e periferia, que insistem em reafirmar os corpos negros como incapazes de habitarem regiões além das margens. Além disso, esses acontecimentos também demarcam o privilégio da segurança

aos habitantes do centro e de bairros de classe alta, que possuem os policiais como agentes pacificadores, que operam ao lado da população e que se esforçam em promover sua segurança. Ou seja, perante qualquer sinal de ameaça às suas impecáveis estruturas, como a presença de qualquer indivíduo não-branco, agem prontamente a fim de que estes sejam expulsos ou até mesmo aniquilados.

Outro momento do romance em que essa bipartição manifesta-se é na seção “A barca”, título que faz referência à nomeação popular dada às viaturas policiais. Em um primeiro momento, um narrador heterodiegético relata os movimentos de um ser sem nome, referido apenas como “o policial”, que sonha pela terceira noite seguida com seu apartamento sendo invadido por homens negros que desejam matar seus filhos e sua esposa. Ao acordar, o policial dirige-se ao trabalho, e junto de outros agentes, parte para o bairro periférico Vila Bom Jesus, aquele habitado por Henrique. A princípio, com armas em punho, abordam dois meninos negros que estão a caminho da escola. Na segunda abordagem, agem de maneira ainda mais incisiva, e param um carro com quatro homens, que são classificados imediatamente como infratores.

A segunda abordagem é mais tensa. É um carro. Um Gol. Quatro meliantes. Todos saem do carro. Todos são revistados, menos o rapaz branco. Na verdade, os policiais perguntam se está tudo bem com ele. Três negros com um branco num carro. É algo suspeito. (Tenório, 2020, p. 175)

Assim seguem todas as outras intervenções, que se tornam cada vez mais agressivas, e a partir de sua escrita, o autor evidencia o ódio direcionado aos sujeitos negros, que são demarcados como únicos suspeitos possíveis, já que, para os policiais, são os que mais costumam ir para os presídios. Quando seus caminhos cruzam-se com Henrique, a violência é praticamente imediata. Após muitos dias desgastado pela profissão que não lhe apresentava retornos positivos, o professor sentia-se grato por cativar os alunos com a leitura de *Crime e Castigo*, romance de Dostoiévski. Enevoadado em seus pensamentos, não percebe os acontecimentos se desenrolando ao seu redor, e quando se depara, policiais lhe apontavam armas e ordenavam que encostasse na parede. Ao ignorar os gritos dos agentes, Henrique é assassinado com vários tiros – em seu ombro, seu peito e sua cabeça – sendo este último dado pelo policial que vinha sonhando com homens negros invadindo sua casa.

Essa execução coloca em pauta, mais uma vez, a naturalização da violência contra corpos negros. No momento em que Henrique manifestou sua insatisfação perante mais uma abordagem injustificada, e posicionou-se contra os valores que insistem em reduzir as vidas periféricas, tornou-se de imediato mais uma vítima da necropolítica. Ainda, nota-se que, enquanto ocupava bairros de luxo, Henrique era veementemente questionado e forçado a se retirar, mas no momento em que o sujeito negro está inserido em uma região marginalizada e confronta-se com a figura representativa do colonizador, este não hesita em aplicar-lhe a violência máxima. Assim dizendo, mesmo que em um local público e de alta circulação, os agentes policiais executam indivíduos como se eles fossem dispensáveis, sem motivações e sem se preocuparem com a segurança dos outros cidadãos, visando apenas instaurar o medo e, a partir desse trauma, reforçar seu controle sobre toda uma comunidade.

Aliado às ações de Henrique, os espaços que ele ocupa também acrescentam informações sobre sua personalidade. Conforme Osman Lins (1976), a representação de fatores sociais e econômicos, no mesmo ambiente narrativo em que circundam as personagens, é responsável por conferir-lhes uma acepção completa, moldando-as em função dos contextos que estão inseridas e tornando-as ainda mais verossímeis. No primeiro capítulo do romance, o narrador-personagem Pedro vai até o apartamento de seu pai, que no momento já se encontra falecido, e busca por algo que possa lhe confortar perante esse momento traumático. À priori, encontra seu alguidar de argila alaranjada, composto por um ocutá (pedra sagrada conectada a um orixá), enrolado em guias vermelhas, verdes e brancas. Ao notar o primeiro objeto, o narrador afirma que essa busca minuciosa no apartamento de Henrique é a maneira “que se adentra numa vida que já se foi.” (Tenório, 2020, p. 14). Esses aparatos religiosos informam sobre as crenças de seu pai na religião de matriz africana, mas também são uma escolha de Tenório de transmitir o orixá Ogum, símbolo de força, coragem, justiça e sabedoria. A seleção dessa divindade indica a aspiração de Henrique em refletir esse vigor e essa potência em sua própria personalidade, e esta identificação torna-se apenas mais evidente quando Pedro recorda-se do ensinamento do pai sobre Ogum ser o orixá que melhor sabe lidar com momentos difíceis.

Ademais, ao avistar o quarto de Henrique, enumera diversos objetos: “[...] roupas espalhadas, outras jogadas dentro do armário. Sobre a mesa, há canetas sem tinta, meias

sem par misturadas a notas de supermercado. Há cadernos e papéis. Há pastas com provas e redações dos seus alunos.” (Tenório, 2020, p. 14). A seleção e a disposição dos bens em questão criam um espaço caracterizador (Lins, 1976), que inseridas no início do romance, também atuam como uma prolepse: os materiais escolares em acúmulo explicitam não apenas sua carreira, mas também um cansaço profissional que o esgota, a ponto de ser incapaz de organizá-los; as canetas sem tinta refletem em suas excessivas tentativas de preparação de aulas, mas elas permanecerem secas exibem seu desânimo de continuar tentando; as roupas postas de maneira desordenada, misturadas ainda com outros objetos, revelam a falta de cuidado com ele mesmo, e como o abatimento e a exaustão atingiram seu psicológico. Assim, o apartamento é capaz de exaltar o estado de espírito em que Henrique se encontrava nos dias anteriores à sua morte, e essa ambientação faz transparecer uma fadiga física e emocional. No decorrer do romance, esses sentimentos se comprovam na rotina do professor de 50 anos, que estava desmotivado e infeliz, isolando-se cada vez mais em uma espécie de abismo no qual tinha dificuldades para sair.

Ainda em meio aos seus itens pessoais, Pedro nota uma foto da escola na qual seu falecido pai estava trabalhando, localizada no bairro periférico Vila Bom Jesus, mesmo local onde o corpo de Henrique foi encontrado. A personagem, que sofreu por anos com o racismo estrutural, que teve seus acessos à ambientes mais desenvolvidos negligenciados, e que já havia sofrido mais de dez abordagens injustificáveis durante a vida, teve suas ações finais provocadas por todos os espaços que já havia habitado. No momento de confronto que tirou sua vida, o cansaço interminável que sentia acumula-se com sua recém conquista de conectar-se com os alunos, e ele torna-se uma figura absorta dos acontecimentos ao seu redor. Com isso, sente-se inspirado a não ceder aos gritos imperativos dos agentes policiais, que clamavam para que ele largasse sua pasta. Exausto de ceder diante de ordens que insistiam em classificá-lo como criminoso, ladrão, parasita, ou qualquer outro estereótipo racista, “[...] ignorou porque agora era a sua vez. A sua vez de ditar as regras. E a regra, agora, era seguir seu movimento, colocando a mão dentro da pasta.” (Tenório, 2020, p. 177).

Desse modo, não há um pensamento prévio que o leva a agir de tal maneira, mas como resultado do acúmulo de sentimentos conflitantes, somado a sua presença em um espaço que persiste em violentar e reprimir sujeitos como ele, não aceita acatar tal opressão. Essa atitude demonstra uma retomada de força da personagem, que passava por

um momento delicado e desanimador, porém redescobre sua voz e rebela-se contra os condicionamentos impostos pelas estruturas coloniais. Embora tenha perdido sua vida, Henrique enfrentou o regime que tentava lhe fuzilar todos os dias, e foi capaz de provar para si mesmo que ainda existia coragem dentro de si. Sua morte também reforça a hostilidade com os habitantes de regiões periféricas, e a subsequente tentativa dos descendentes dos europeus continuarem imprimindo as políticas de poder na sociedade brasileira, que favorecem os centros urbanos e exterminam as identidades e vivências daqueles alocados às margens.

Nos últimos capítulos de *O avesso da pele* (2020), o narrador-personagem intenta evidenciar ainda mais as atitudes racistas que percebe habitando em Porto Alegre. Pedro descreve as ruas da cidade como intermináveis e labirínticas, favorecendo a construção de uma ambientação difusa, na qual ele se enxerga como um ser intruso, constantemente isolado e aprisionado em um emaranhado de estruturas opressivas do cenário urbano. Ainda, explicita acreditar que seu pai, sua mãe, suas tias e quaisquer outros sujeitos negros que habitem o sul do Brasil, tenham esse mesmo sentimento de desconforto e desorientação ao simplesmente andar pelas ruas.

Ao caminhar por Porto Alegre, você se sentia sem lugar. Porque, toda vez que você saía para caminhar, tinha a impressão de estar invadindo um espaço. Bastava dar uma olhada em volta para perceber que você não podia pertencer àquilo [...]. Porto Alegre era um lugar que você construiu fora de si. Você nunca esteve dentro dela. (Tenório, 2020, p. 187-188)

Com isso, declara não se sentir confortável na cidade que mora, local no qual “um corpo negro será sempre um corpo em risco.” (Tenório, 2020, p. 184). O narrador exalta esse sentimento e, conseqüentemente, reforça a existência das linhas invisíveis que permeiam e dividem sociedades. A presença de sujeitos negros, indígenas e/ou advindos da periferia em espaços de destaque, com cargos de chefia e diversos bens materiais, causam um imediato questionamento na outra camada da população, que insiste em rebaixá-los à condições desumanas. Logo, Pedro denuncia sua percepção de que, infelizmente, a população negra é obrigada a acostumar-se com suas aflições e ansiedades ao ocuparem diferentes espaços, já que suas vivências nunca se constroem de maneira livre e plena, e seus dias são perpassados pelo medo, uma espécie de “normalidade do desconforto” (Tenório, 2020, p. 187).

Por fim, o narrador-personagem reconhece a execução de seu pai como um trauma e uma dor que irão acompanhá-lo. Durante toda a narrativa, ele concebe um espaço realista, já que compartilha suas localidades sociais e geográficas, até mesmo nomeando a grande cidade em que os fatos ocorrem. Porém, ao mesmo tempo, também se mostra impreciso, pois não se preocupa com uma descrição excessiva dos espaços, mas sim visa que os atos das personagens sejam os responsáveis por construí-los. Desse modo, há uma ambientação melancólica que permeia o romance, no qual explicitam-se conflitos individuais, sociais, familiares e raciais, e como estes refletem em cada um dos indivíduos da obra. O narrador, responsável por compartilhar as vivências, majoritariamente, de seu falecido pai, deixa-se tomar pelo fluxo de consciência, e movido pelo luto, compartilha os acontecimentos de maneira desordenada, aproximando-se de uma não-linearidade.

### **Considerações Finais**

Após a explicitação de tais subsídios teóricos pós-coloniais e literários, nota-se a maneira que o romance *O avesso da pele* (2020) é capaz de representar essas fronteiras visíveis e invisíveis existentes na sociedade brasileira, reflexo da constante presença de ideais colonialistas até os dias atuais. Estes, subordinam os indivíduos não-brancos às condições de vida mais precárias, e implicam em seus acessos a ambientes com maior diversidade de recursos, que são majoritariamente dominados por pessoas brancas. Logo, são inabilitados de usufruírem plenamente de seus direitos como cidadãos e repreendidos violentamente quando buscam alcançá-los.

Desse modo, a personagem de Henrique no romance é a representação do cansaço perante essas estruturas limitantes. O professor insiste em ir contra esse sistema excludente, ao tentar usufruir de suas liberdades, principalmente a de ir e vir, mas acaba sendo frequentemente limitado a permanecer na margem social, no considerado outro lado da linha. Assim como seu pai, o narrador-personagem Pedro também se angustia com as injustiças que presencia nesse sistema opressivo, que insiste em extinguir as identidades de sujeitos negros e os reduzir a figuras racializadas estereotipadas, apagando suas trajetórias e subjetividades.

Portanto, comprova-se o modo que as estruturas coloniais ainda atravessam a contemporaneidade e regem as vivências de diversos sujeitos, principalmente daqueles condicionados às margens da sociedade. Assim como as personagens do romance, são

aprisionadas neste local de negligência e subalternidade, onde as entidades governamentais regidas pela Colonialidade omitem-se perante a precariedade, a violência e as transgressões dos direitos dos cidadãos.

## Referências

BALLESTRIN, Luciana. O giro decolonial e a América Latina. In: *Revista Brasileira de Ciência Política*. Brasília, n. 11, p. 89-117, 2013. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbcp/article/view/2069/1827>.

BAZZI, Zeinab; PORTO, Douglas. Veja os vencedores do Prêmio Jabuti de 2021. *CNN Brasil*, 25 nov. 2021. CNN POP. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/pop/veja-os-vencedores-do-premio-jabuti-de-2021/>.

BERNARDINO-COSTA, Joaze. A prece de Frantz Fanon: Oh, meu corpo, faça sempre de mim um homem que questiona! In: *Civitas*. Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 504-521, set. 2016. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/civitas/article/view/22915/15069>.

CERQUEIRA, Daniel; BUENO, Samira (coord.). *Atlas da violência 2025*. Brasília: Ipea; FBSP, 2025. 174 p. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/17165>.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012.

FANON, Fanon. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: Ensaio, intervenções e diálogos*. Org. Flávia Rios, Márcia Lima. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KRUSE, Tulio. Uma pessoa negra foi morta a cada 12 minutos ao longo de 11 anos no Brasil. *Portal Geledés*, 19 jun. 2024. Violência racial e policial. Disponível em: [https://www.geledes.org.br/uma-pessoa-negra-foi-morta-a-cada-12-minutos-ao-longo-de-11-anos-no-brasil/?gad\\_source=1&gad\\_campaignid=1495757196&gbraid=0AAAAADnS6iDchzVShZOBPTfHI1\\_LoKmm9&gclid=Cj0KCQjwndHEBhDVARIsAGh0g3CflWYDv6TOdKieg5lP-Inr2TQ3rLownBeLGp0zW2Batd79wAOkO-kaAmY2EALw\\_wcB](https://www.geledes.org.br/uma-pessoa-negra-foi-morta-a-cada-12-minutos-ao-longo-de-11-anos-no-brasil/?gad_source=1&gad_campaignid=1495757196&gbraid=0AAAAADnS6iDchzVShZOBPTfHI1_LoKmm9&gclid=Cj0KCQjwndHEBhDVARIsAGh0g3CflWYDv6TOdKieg5lP-Inr2TQ3rLownBeLGp0zW2Batd79wAOkO-kaAmY2EALw_wcB)

LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. *Epistemologias do Sul*. Coimbra: CES, 2009. p. 73-118.



MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

RESENDE, Beatriz. *Contemporâneos*: expressões da literatura brasileira no século XXI. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.

PINSKY, Jaime. *A escravidão no Brasil*. 10a ed. São Paulo: Contexto, 1991.

SANTOS, Boaventura. Souza. Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. *Epistemologias do Sul*. Coimbra: CES, 2009. p. 23-72.

SANTOS, Luis Alberto Brandão. Textos da cidade. In: VASCONCELOS, Maurício Salles; COELHO, Haydeé Ribeiro (orgs.). *100 rastros rápidos*: cultura e milênio. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 131.

TENÓRIO, Jeferson. *O avesso da pele*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.